

BREVE NOTA DE UM AUTOR DE POEMAS SOBRE UM SEU LIVRO COM FOTOS DE JOAQUIM HIERRO. A PROPÓSITO DE “O FELIZ REGRESSO DOS ARTISTAS A CASA”, PORTO, ED. AFRONTAMENTO, 2005

Não seria muito canónico o co-autor de um álbum de poemas e fotos “prefaciarse”, ou de algum modo “ajuizar-se”, a si próprio. Nem foi isso o que pretendi fazer, quando há meses escrevi a primeira versão destas palavras. Apenas reflectir sobre o que faço (ou seja, sobre uma das facetas do livro, a poética, embora na verdade ela faça corpo com a totalidade “gráfica” que a obra é) e expo-lo ao juízo dos outros.

Gostaria aqui de referir que aquele (tirando pequenos trabalhos com apenas alguns textos cada um) é o nono livro que componho, desde que publiquei o primeiro (“Trinta e Nove Poemas Litorais”) em edição de autor em 1973 em Angola (Sá da Bandeira, actual Lubango), já lá vão 32 anos. A minha ida para aquela então colónia, como assistente da Universidade de Luanda (em arqueologia), cortou-me temporariamente de muitos contactos que tinha em Lisboa, e inviabilizou, de certo modo, um início eventualmente mais “auspicioso” da minha possível “carreira poética”, se não é pretensão falar agora nesses termos.

Nos últimos tempos apercebi-me cada vez mais da importância do “diálogo” com a imagem, a um nível explícito, já que implicitamente isso sempre aconteceu na minha escrita. Graças à colaboração da Ed. Afrontamento (Porto), a triangulação poeta – fotógrafo – artista gráfico foi, creio, particularmente conseguida na produção do livro anterior, de 2004 (“Sobre Alguns Reflexos de Lágrimas Paradas a Meio do Rosto” – álbum com fotos de Danilo Pavone).

Por isso decidi tentar aventura tanto quanto possível semelhante, desta feita com fotografias de Joaquim Hierro. Nem eu nem ele realizámos trabalhos para ilustração da “produção” do outro. Um fez textos, outro imagens; depois, numa actividade de diálogo, no que queríamos que fosse um verdadeiro “trabalho de equipa” (apesar dos condicionalismos de tempo que ambos sofremos...), procurámos pôr as imagens que achámos que “melhor ficavam” ao lado de cada texto.

Assim, tentámos fazer algo que já existe para além (a um nível acima) das nossas duas produções, e que já só vive, e “respira” – esperemos, para que a nossa tentativa tenha resultado, como espero – a esse nível, devendo como tal, cremos, ser vista e julgada. Aproveito aliás para agradecer ao meu amigo e colaborador o enorme enriquecimento que trouxe aos textos, com as suas fotografias.

Aqui, na produção deste álbum, a colaboração com o departamento gráfico de Ed. Afrontamento foi também mais uma vez fundamental.

Nem ele, J. Hierro, é um fotógrafo conhecido, nem eu um poeta citado; nenhum de nós se queixa disso, mas agradece desde já da parte do editor o seu particular carinho (ou, noutro registo, um especial sentido de risco) para que mais esta obra tenha podido ver a luz do dia. Sem dúvida que também para isso contribuíu decisivamente o prefácio com que o escritor Mário Cláudio entendeu honrar-me.

Realmente, nenhum de nós frequenta muito, por falta de tempo profissional, os meios em que se sedimentam relações que tornam depois mais fácil a produção dos autores, a sua referência nos “média”, etc., num circuito por vezes complicado que, neste país, constitui mesmo um labirinto pequeno, como quase tudo o que acontece cá.

Ao contrário da escrita ficcional, da narrativa de longo fôlego, a criação poética não surge quase nunca como algo de sequencial, nem em regra suscita um tal tipo de leitura, para mais quando um livro, ou álbum, é de certo modo tanto para ser olhado, como lido.

Ou seja, o que eu pessoalmente faço é ir escrevendo textos, a partir dos quais seleciono os que (julgo) vale a pena retrabalhar, acabando por decidir que uma determinada versão é a definitiva. A partir daí, alinhoo-os segundo núdulos temáticos, ou organizo-os em sub-conjuntos, por forma a formarem um livro em que a sequência é também muito arbitrária.

Na impossibilidade da sua onnipresença (como faria um pintor ou escultor que colocasse as suas obras numa rotunda, sendo indiferente a ordem por que seriam fruídas), dada a forma do codex, do livro, impor certas regras, aconselho o leitor a não seguir demasiado à letra esta disciplina imposta aos trabalhos.

Se estes formam uma unidade, e se estão em coerência ou não com o tom, ou estilo, e as temáticas que tenho vindo a tentar esboçar ao longo destes anos, competirá aos leitores e aos críticos ajuizar. A atitude de publicar é decisiva precisamente por isso – o proponente da leitura, ou “autor”, desprende-se do que foi inicialmente um trabalho seu, para poder libertar-se para outros trabalhos, e ficar receptivo às impressões e ideias de todos os outros co-autores, que serão os leitores que merecer, hoje e no futuro. Um livro de poemas é quase como uma pauta musical: um convite às suas infindas (espera-se) (re)interpretações, mesmo que não sejam “em voz alta”.

A poesia vive no fio da navalha entre a palavra e o silêncio, entre a literatura e a música (e o teatro), entre a sugestão e a narração (há sempre uma espécie de narrativa, de “história”, mesmo que em “background”), e, evidentemente, entre a verdade e a mentira, a identidade e alteridade, a homonímia e a heteronímia.

Sem dúvida, como acentua Tim Ingold, excepcional antropólogo e portanto também amante de arte (“The Perception of the Environment”, Londres, Routledge, 2000, p. 408), a poesia está perto da canção, que fundia a música e a palavra.

O poema procura sobretudo criar uma atmosfera, um ritmo, a partir de materiais linguísticos, tendendo a, com o tempo, perseguir (como acontece em todas as formas de arte) um certo número de temáticas ou aproximações à realidade, quase de forma obsessiva.

Porém, como é bem sabido, e como acentuaram tão expressivamente autores como Vergílio Ferreira (de quem me orgulho de ter sido aluno), a arte é sempre um libertação em relação ao carácter doentio que tal “repetição involuntária” poderia assumir. Se eu falo sobre a dor, ou a depressão, é porque elas já me não incomodam, é porque eu já as superei, ou sublimei no meu meta-discurso.

No último século, muita da poesia que se escreve está bem consciente do carácter "encenado" do sujeito poético ("o poeta é um fingidor..."), sendo que o poema é muitas vezes uma reflexão sobre as suas próprias condições de possibilidade. Não é por acaso que o livro de estreia de um grande poeta da minha geração, Nuno Júdice, se chama precisamente "A Noção de Poema" (1972).

Neste livro utilizo a ironia em alguns casos, nomeadamente no título, uma vez que o que aqui proponho, entre outros aspectos, é uma reflexão sobre o despaiamento e a ambiguidade, tudo ao contrário do que evoca a "felicidade" doméstica de "se chegar a casa", ainda por cima quando se é "artista", ou seja, uma figura que é suposto produzir-se no espaço público, que só existe, no presente, enquanto artista vivo, nessa exposição pública.

Também tentei essa ironia, ou até sarcasmo, no texto 13. Mas é óbvio que se trata de um tipo de trabalho muitíssimo difícil. É de facto difícil "aguentar" a qualidade nesse plano, como foi capaz, por exemplo, um Alexandre O' Neill. Assim, muitas vezes tentado em fundir um estilo mais "sério" ou "contido" com outro mais sarcástico, polémico, ou mesmo "popular", tentando re-unir o que a prática desligou (ao separar por exemplo a palavra da música – talvez arcaicamente unidas na "canção", como sugere Ingold – refinando ambas separadamente, e apenas voltando a uni-las sob a forma recente da "ópera" ou canto erudito, na nossa cultura ocidental) muitas vezes recuei, rasgando tais manuscritos, por não me sentir capaz.

A falta de tempo para ler mais intensamente poesia tem evidentemente afectado negativamente o meu trabalho neste plano, como a disponibilidade de tempo livre de que a "prática artística" – como aliás a prática criativa de qualquer espécie – intrinsecamente carece. O "peso" do trabalho arqueológico, a dificuldade de pôr em acção projectos que envolvem complicada preparação, mas sobretudo a intrincada burocracia que, como bem sabemos, cresta todos os planos de acção do nosso país, também afecta cada um de nós no que poderia fazer – e o meu caso não é excepção. Parte da energia gasta-se em tornear obstáculos de toda a espécie, quando devia ser posta ao serviço do mais essencial. A futilidade dos dias arrasta-nos para fora do nosso trabalho, numa espécie de "erosão ontológica" permanente, a que só os mais fortes resistem. Estamos numa sociedade de certo modo brutal.

Para lá dessa qualidade difícil de definir que designamos "talento" (e que, como tudo, ou se atrofia ou se desenvolve), e de muito trabalho e experiência, um poeta faz-se de uma grande disponibilidade interior para a cada passo se distanciar suficientemente da realidade "óbvia", para a ver como problemática, ou enigmática.

Esse enigma ocorre sob a forma de palavras, frases, atmosferas, que por vezes vêm à consciência, normalmente em momentos de maior repouso psíquico, e que exigem compulsiva explicitação verbal, desenvolvimento, luta para encontrar a forma precisa de os exprimir, depurando-os tanto quanto possível de tudo quanto são sentidos feitos.

Se existe uma "forma verbal de existir", como já alguém afirmou, essa existência tenta sempre ser uma "experiência" liminar, uma experiência de fronteira.

O poeta pisa terreno movediço e, embora eu não saiba se ele consegue ir "formoso", como a Leonor de Camões, de certeza que vai, sempre, inseguro.

É nesse sentido que o seu empreendimento se prende, no meu caso, ao do arqueólogo: tentar ver sob a, e antes da, deposição dos sentidos acumulados. Muito ao contrário do senso-comum, popular, que apenas reteve o aspecto "musical" e/ou "recreativo-decorativo" da poesia (como a canção curta entoada em público, e misturada com a dança, etc.) – isto é,

“dizer” as mesmas coisas por forma mais “bela”(?), ou impressiva (solene, profética, aforística?) – a poesia é um modo próprio de pesquisa.

Que nada tem, pois, de espontâneo: tal como a ciência parte do adquirido, a poesia que se escreve decorre de toda a poesia (e não só, evidentemente – a distinção entre poesia e outros “géneros” literários é puramente académica) já escrita.

Ora, como uma pessoa não leu senão uma parte ínfima dessa enorme teia de “sentidos propostos”, a pergunta que qualquer um que publica se põe a si próprio é esta: até que ponto isto acrescenta alguma coisa à “literatura” (outro corpo convencional de valores patrimoniais) em língua portuguesa (a poesia é praticamente intraduzível)? Isto é, até que ponto me é legítimo apresentar-me ao leitor? Só este, se o livro for lido, o poderá dizer; e se a obra o merecer, como realidade pública ao dispor de qualquer um, os seus desdobramentos serão imprevisíveis. É para esses “desdobramentos”, para essa “vertigem” dialogante, que a poesia se escreve, pela mão do seu intermediário, ao qual convencionalmente (e segundo uma tradição que pelos vistos resiste a todos os anúncios de “morte”), chamamos “autor”.

Porto, 2 de Janeiro/31 de Maio de 2005

Vitor Oliveira Jorge

